

DO LAR AO TRABALHO: IDENTIDADES FEMININAS NA REVISTA GRAN-FINA (1940)

Jasmine Aparecida Horst Dos Santos
Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira

Resumo

A partir da análise do texto jornalístico, é possível perceber diferentes percepções que possibilitam variados entendimentos acerca do que é ser mulher em diferentes épocas. O objetivo desta pesquisa é analisar, através, principalmente, de textos presentes nas seções “Carnét da mulher que trabalha” e “Meu bebê é minha vida”, presentes na revista *Gran-Fina*, do início da década de 1940, o perfil da mulher curitibana da época, no que diz respeito às temáticas trabalho e família. Para essa discussão, buscamos utilizar referências dos estudos culturais, tais como Hall (2004), Escosteguy (2001), Bauman (2009), entre outros, além de utilizarmos o conceito de lugares de memória proposto por Nora (1993).

Palavras-chave: Identidade; Memória; Mulher; Paraná

FROM HOME TO WORK: FEMININE IDENTITIES IN THE GRAN-FINA MAGAZINE (1940)

Abstract

From the analysis of the journalistic text, it is possible to perceive different perceptions that allow different understandings about what is the woman in different times. The purpose of this research is to analyze, mainly, texts on the streets “Carnet of the woman who works” and “My baby is my life”, is a magazine *Gran-Fina*, early 1940s, profile of the woman Curitibana Of the time, with regard to work and family issues. (2004), Escosteguy (2001), Bauman (2009), among others, in addition to using the concept of memory locations proposed by Nora (1993).

Keywords: Identity; Memory; Paraná; Woman

Corpo do trabalho

O papel da mulher na sociedade muda ao longo do tempo. Suas funções, obrigações e subjetividades variam de acordo com o período histórico. A mídia, partindo do pressuposto de que é um lugar de memória contemporâneo, nos moldes propostos por Pierre Nora (1993), apresenta-se como um espaço privilegiado para percebermos essas variações do comportamento feminino em diferentes épocas. Os diferentes discursos e fontes legitimadoras que circulam nos produtos midiáticos apresentam percepções do imaginário da época, tornando-se um campo privilegiado de análise sobre conflitos simbólicos por representação e construção de significados dos diversos agentes que compõem o espaço social (Ribeiro, 2005).

A revista *Gran-fina* foi escolhida por se tratar de um veículo paranaense, fundado em Curitiba no início da década de 1940. Ela tinha como foco principal os acontecimentos gerais da sociedade paranaense e dava destaque para assuntos que envolvessem a cidade de Curitiba.

Embora o foco principal não fosse a mulher, ela estava presente em algumas matérias específicas do periódico e também em algumas colunas destinadas a ela, que tratavam, principalmente, de assuntos relacionados ao comportamento feminino. Entre essas colunas optamos por analisar a “*Carnét* da mulher que trabalha” e a “Meu bebê é minha vida”, que tratavam de trabalho e família, respectivamente.

Estudos Culturais, Imprensa e Memória

O presente trabalho objetiva destacar alguns tópicos gerais acerca do perfil identitário da mulher paranaense no início da década de 1940, a partir de textos da revista *Gran-fina*. Além disso, pretendemos observar as características do periódico e de que forma ele se colocava como um “difusor de boas maneiras femininas”, através de seções específicas que tinham como público alvo as mulheres. A publicação aqui é vista como um local por onde circulam diferentes percepções, servindo como lugar de memória contemporâneo (Ribeiro, 2012).

Os exemplos poderiam multiplicar-se, mas gostaríamos de somente sublinhar que a formalização e o registro da memória social, mesmo não sendo a função social primeira do jornalismo, acaba sendo sua função secundária, uma espécie de efeito colateral extremamente importante, inclusive no próprio processo de legitimação social de sua função ‘principal’. (Ribeiro, 2012: 4).

Para Barbosa (2007), o jornalismo é uma espécie de memória escrita de determinada época, porque retém principalmente aquilo que considera importante (ao levar em consideração os aspectos de relevância jornalística na construção de suas pautas). Entretanto, isso não quer dizer que os discursos registrados nas páginas de jornais e revistas são a descrição da realidade.

Ao se constituir como documento, podemos pensar os meios de comunicação como um dos mecanismos contemporâneos de transformação do ausente no presente e, portanto, como lugar da memória contemporânea. Por outro lado, ao possuir o estatuto de texto, transforma-se em uma espécie de documento de época, regido pela convenção de veracidade necessária aos documentos – monumentos de memória (Barbosa, 2007: 51).

De acordo com Ribeiro (2005), houve uma reapropriação do jornalismo como fonte histórica. Isso ocorreu por conta da mudança da concepção que define que o mais importante não é o fato em si, mas sim a maneira como os sujeitos tomam consciência dele e assumem uma posição antes de o relatarem. Dessa forma, mesmo que sejam produzidas diferentes construções acerca do fato, há um fundo de referência neles, o que faz com que a mídia ainda tenha grande aceitação no que diz respeito à leitura de uma época.

A mídia é elevada, assim, ao estatuto de porta-voz oficial dos acontecimentos e da transformação do social, o que lhe confere, enquanto registro da realidade, uma certa ‘aura’. O jornalismo não só retrata a realidade e as suas transformações, mas também as registra e as deixa como legado às sociedades futuras. A mídia é a testemunha ocular da história. (Ribeiro, 2005: 115, grifo da autora).

Ribeiro (2005) reforça a ideia do jornalismo como uma “arena de discursos”, onde uma pluralidade de vozes – consonantes, contrárias, antagônicas – se manifestam, mostrando ou refletindo padrões de comportamento social. Essa “arena de discursos” dentro da revista escolhida como fonte de pesquisa possibilita aos seus contemporâneos encontrar, através da interpretação dos relatos jornalísticos, um sentido do mundo que os cercava naquele período que ganhavam destaque na imprensa e, mais especificamente, as percepções que se constroem sobre a mulher.

De acordo com Escosteguy (2001), os estudos culturais não configuram uma disciplina, mas sim uma área onde diferentes disciplinas se completam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade. Essa área, não se constitui numa nova disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites.

Os Estudos Culturais atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. A relação entre marxismo e os Estudos Culturais inicia-se e desenvolve-se através da crítica de um certo reducionismo e economicismo daquela perspectiva, resultando na contestação do modelo base-superestrutura. A perspectiva marxista contribuiu para os Estudos Culturais no sentido de compreender a cultura na sua “autonomia relativa”, isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas. Existem várias forças determinantes- econômica, política e cultural - competindo e em conflito entre si, compondo aquela complexa unidade que é a sociedade. (Escosteguy, 2001: 4)

Escosteguy (2001) afirma, dessa forma, que a sociedade e sua complexidade, assim são por conta de diversos fatores, assim como a cultura, essa complexidade não é explicada por um só fator, mas sim por sofrer influência de diversos fatores.

De acordo com Hall (2004), um dos mais lembrados autores dos estudos culturais, a descentralização do sujeito acarreta a possibilidade dele ser constituído de diversas facetas identitárias, ora complementares, ora controversas. Para ele, existem três tipos de sujeito, o do iluminismo, que seria a figura do humano centrado, sem qualquer transformação ao longo da vida; o sociológico, que seria aquele que começa a transparecer a complexidade do mundo moderno; e o pós-moderno, em que a descentralização da sua identidade, provocaria uma mistura dos sistemas culturais que o cerca e acaba por constituir essa identidade em movimento.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, 2004: 13).

Dentro da revista, é possível, entender quais eram os papéis ocupados pela mulher na sociedade. De acordo com Scott (1995), através do estudo e análise do gênero feminino, pode-se chegar a uma definição de como eram as mulheres de determinada época, traçando uma espécie de perfil identitário. Para ela, o que interessa são as construções culturais sobre as diferenças, e de que forma que elas sugerem uma posição hierárquica dentro da sociedade entre a mulher e o homem. Scott (1995) afirma que “[...] o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder” (116), deixando claro que esse não é o único campo, mas que provavelmente constitui um meio de dar eficácia à significação de poder no Ocidente.

Butler (2008: 25) segue a mesma ideia de Scott (1995), ao afirmar que a divisão natural entre macho x fêmea está baseada, principalmente, em aspectos culturais. Segundo ela, a distinção entre sexo e gênero parte de que o sexo é natural e o gênero é culturalmente construído. Segundo Butler (2008: 26), nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. Ela contesta as características ditas “naturalmente femininas”, principalmente a dupla sexo/gênero, que serviu às teorias feministas até meados da década de 1980, quando começaram a ser questionadas.

Seguindo as ideias de Butler (2008), que acredita que o gênero é algo culturalmente construído, Bauman (2009) afirma que a identidade também é um conceito construído socialmente, no coletivo, e não na individualidade da pessoa. Dessa forma, a revista, através de suas reportagens e de outras

questões envolvendo a sua produção, tais como a seleção de fontes, de matérias de capa, das fotografias, dos títulos, entre outros, auxiliam a delinear como ela entendia ser a identidade feminina, refletindo uma percepção de época acerca do tema.

Ter a necessidade de se transformar no que somos é uma característica da vida moderna (não da “individualização moderna”, uma expressão evidentemente pleonástica; falar de individualização e de modernidade é falar da mesma condição social) (Bauman, 2009: 184)

Dessa forma, Bauman (2009), acredita que a identidade não é algo pronto, mas sim algo construído socialmente, dependendo da interação social que há. Dessa forma, até mesmo a interação que acontecia entre o periódico e suas leitoras poderia ser vista como um estimulador de certas identidades, ou seja, muitas mulheres poderiam se inspirar nas identidades ditadas pela revista.

Imprensa paranaense e a representação da figura feminina

Segundo Baptista e Abreu (2010: 2), as primeiras revistas desembarcaram no Brasil no início do século XIX, junto com a Corte Portuguesa. A primeira brasileira, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, surgiu em Salvador no ano de 1812, seguindo os modelos de periódicos tradicionais utilizados no mundo editorial da época, que visavam difundir padrões e costumes sociais. As revistas de variedades, mais especificamente, surgiram em 1849, mas começaram a ter um formato parecido com as de hoje a partir de 1900. Apesar da modernização pela qual as revistas passaram, algumas características, tais como a difusão de padrões e costumes, numa espécie de “manual civilizatório” continuaram.

Segundo Buitoni (1990: 17), a revista funcionou como uma espécie de feminização da imprensa, pois: [...] “Lazer e um certo luxo foram-se associando à ideia de revista no século XX. E a imprensa feminina elegeu a revista como seu veículo por excelência”. De acordo com a autora, entre os motivos pelos quais esse “relacionamento” entre a mulher e a revista aconteceu, estão o fato de as revistas de variedades começaram a utilizar uma linguagem pessoal, “conversando” com seus leitores e, nas seções femininas, essa diferença na linguagem era ainda mais notável. Dessa forma, é possível

entender os motivos de se utilizar de um meio de comunicação tão querido pelas mulheres para incentivar uma “boa conduta”, por parte delas.

De acordo com Boschilia (2010), Curitiba era uma das cidades mais industrializadas do país, entretanto, essa industrialização ainda convivía com hábitos trazidos do interior por aqueles que agora formavam a população da capital paranaense.

A ida à missa ou ao culto dominical era um ritual cumprido semanalmente por grande parte da população curitibana. Homens e mulheres, com suas melhores roupas de passeio, assistiam à missa em alas separadas. No lado esquerdo, ocupado exclusivamente pelas mulheres, a mistura do branco e preto dos véus diferenciava as solteiras das casadas, bem como o caimento da roupa e o porte definiam a classe social de cada uma delas. Após a missa, os homens aguardavam na porta as esposas, noivas e namoradas e seguiam para casa a pé ou de automóvel, a fim de cumprir o restante do ritual de domingo. Depois do almoço com a família, os programas habituais, de acordo com cada faixa etária eram: matinê, futebol, ida ao clube, visita a parentes ou simplesmente repouso para enfrentar a semana seguinte (Boschilia, 2010: 38).

Esses “hábitos”, típicos de cidades interioranas que foram trazidos para a capital, também eram perceptíveis quando o assunto era a imprensa paranaense. A predominância do público alvo das revistas era o masculino, entretanto, havia espaços dentro dos periódicos em que as mulheres eram o foco das matérias, normalmente em seções comportamentais.

Nesse período, com a crescente demanda de mão de obra, as mulheres começaram a conquistar seu espaço no mercado de trabalho. Segundo Boschilia (2010), a grande maioria estava ligada ao setor industrial, onde correspondiam a cerca de 11,4% dos mais de 12 mil trabalhadores ligados a esse setor. A maior parte dessas mulheres que começavam a despontar no mercado de trabalho vinham de classes econômicas mais baixas, e eram, quase em sua totalidade, moradoras dos subúrbios curitibanos.

Apesar de já ser possível encontrar a figura feminina no mercado de trabalho, a imagem de “ordem” que persistia na cidade fazia com que os espaços urbanos ainda tivessem sérias restrições ao que seriam lugares permitidos à mulher, e outros onde elas não eram bem vindas, ou, caso frequentassem, não eram bem vistas.

As mulheres, com exceção daquelas que utilizavam a própria rua como espaço de trabalho, sofriam limitações não só de horário, mas também de acesso a determinados locais. As confeitarias, principalmente aquelas que vendiam bebidas alcoólicas eram um exemplo típico de espaço proibido às mulheres [...] o acesso das mulheres a estes locais só era permitido se ela estivesse acompanhada por um homem (Boschilia, 2010: 39).

Huysen (1996) explica que a mulher do século XIX até o século XX era tida pela sociedade como emocional, frágil, passional, percepções que foram absorvidas pela mídia e propiciaram o surgimento de seções nas revistas que trouxessem aquilo que se esperava dela. Para este autor, a cultura de massa está associada à mulher, enquanto o homem está ligado à cultura real, ou seja, algo que é socialmente mais aceitável, ou verdadeiro e que torna-se digno de ser lido. Dessa forma, afirma que o estereótipo feminino foi reforçado a partir dessa cultura, uma vez que a difusão de determinado tipo de conduta a ser seguida tornava-o algo legítimo:

De qualquer forma, a representação de uma cultura de massa inferior como feminina caminha de braços dados com a emergência da mística masculina no modernismo, o que tem sido exaustivamente documentado pelas teóricas feministas. O que é interessante na segunda metade do século XIX, porém, é um certo efeito-chave de significação: da obsessivamente declarada inferioridade da mulher como artista (Huysen, 1996: 49).

A partir desse estereótipo, proposto por Huysen, é possível identificar os assuntos destinados à mulher. Normalmente assuntos comportamentais, que prezavam pela moral e pelos bons costumes. Segundo Buitoni (1990: 22), quase não há revista que não trate do tema coração, uma das vertentes do tema comportamento, que pode ter diferentes enfoques, seja o romance, o melodrama, a análise ou o sexo. E com as publicações paranaenses não era diferente, de forma direta ou indireta, o assunto relacionamento sempre vinha à tona.

Lipovetsky (2000) traz algumas percepções a respeito da mulher em diferentes períodos histórico-culturais, traçando basicamente três perfis. O primeiro é a mulher dos tempos primitivos, que exercia praticamente os mesmos trabalhos que o homem. Já o segundo diz respeito à mulher submissa,

aquela que passa a apresentar uma feminilidade maior, mas que é considerada inferior ao homem. Nesta caracterização, enquadra-se a mulher da década de 1940, cuja identidade voltava-se para a posição de filha, mãe e esposa, o que era refletido pelas publicações da revista.

A “terceira mulher”, como define Lipovetsky (2000), é a dos dias de hoje, aquela que consegue aliar características do primeiro perfil, ou seja, desenvolver trabalhos iguais aos do homem, com características da segunda, pois não perde os referenciais femininos e a busca da sua construção identitária a partir do outro, aquela que passa a ter poder sobre seu corpo, sem perder o poder da sedução. Além disso, as diversas transformações ocorridas na sociedade, ao longo dos anos, são determinantes para a contínua formação da identidade da nova mulher.

Através da análise de revistas do começo da década de 1940, fica claro que, de acordo com a imprensa da época, casamento era o principal anseio que rondava as moças de então. Para “arranjar um bom partido”, o sonhado príncipe encantado, a forma de se posicionar socialmente era fundamental. Para se inteirar dos “truques” dessa árdua missão, nada mais confortável do que aprendê-los através das páginas de uma revista, em que os “manuais” já estavam pronto, e, portanto, bastava coloca-los em prática. A mídia impressa da época “cobrava” um perfil que deveria ser seguido pelas mulheres, fosse no campo pessoal ou profissional.

A mulher que já trabalhava também era lembrada pelos conselhos da revista. Na coluna intitulada “*Carnét* da mulher que trabalha”, um espaço que não era assinado, as mulheres eram orientadas a como deveriam proceder para serem bem vistas por seus chefes e como manterem a casa em ordem, mesmo dedicando boa parte de seu tempo à profissão. Dicas como “Em hipótese alguma utilize-se de decotes para trabalhar” ou “Ao cruzar as pernas, tome cuidado para que não vejam o que há debaixo de suas saias”, eram comuns nessa coluna. O periódico fazia questão de lembrar que toda mulher que trabalhava ainda assim deveria se portar como uma dama, sem jamais esquecer daquilo que lhe fora ensinado, sem jamais deixar-se levar por ofertas “obscuras”, que pudessem surgir em suas profissões.

Se você tem medo de ser feia, então cuide muito dos cabelos e dos dentes. Ou, caso contrário, não arranjará nenhum bom emprego (*Carnét Da Mulher Que Trabalha*, 1941: 22).

Prefira um vestido simples, que não dê na vista e seja elegante para trabalhar. Você não está no escritório para chamar atenção. (Carnét Da Mulher Que Trabalha, 1941: 15).

Uma das seções da revista que mais permitem entender quais eram as atitudes que se esperavam de uma típica curitibana, era a “Meu bebê é minha vida”. Apesar do nome, ela não tratava apenas do tema maternidade, mas sim de como as mulheres deveriam se portar, de um modo geral, diante de diversos assuntos do dia-dia. Era muito comum que se falasse sobre as formas de como as filhas deveriam agir com seus pais, de como as esposas deveriam ser com seus maridos, e, claro, de como elas deveriam se portar quando chegassem à fase da maternidade. A figura feminina era vista pelo periódico como abaixo do homem. Dessa forma, as mulheres, desde o seu nascimento, estavam condicionadas a sempre receberem ordens vindas de um homem, primeiramente de seus pais, depois de seus esposos e, quando se tratava de uma mulher que estava ingressa no mercado de trabalho, de seus chefes. Assim, seu papel passaria de boa filha para boa esposa, boa mãe e boa empregada. É possível encontrar indícios de que haviam mulheres que fugiam desse padrão, mas, nesta seção elas eram utilizadas como um “exemplo do que não ser”, e estes perfis estavam presentes em charges e textos que criticavam essa postura decidida e independente das mulheres.

Cabe à mulher a tarefa de cuidar para que o lar seja um lugar feliz.

Uma criança bem cuidada, bem alimentada e limpa, a casa em ordem e um marido bem recebido depois do trabalho, são as chaves para a felicidade do lar (Meu bebê é minha vida, 1942: 22).

Algumas matérias traziam dicas de como a mulher deveria se portar no ambiente profissional. A maioria dos textos ainda chamava a atenção para o fato de que elas deveriam sempre agir de forma a não “mexer com a cabeça do patrão”. Isso mostra que havia muita pressão social sobre elas, e que a culpa por possíveis assédios seria sempre delegada à mulher. Dessa forma, era comum que a revista trouxesse dicas de como se portar no meio profissional. Essas dicas iam desde a roupa que se deveria usar até pedidos de que ela cuidasse para que um sorriso não fosse interpretado como sinal de segundas intenções.

Quanto ao riso, aconselho-lhe o provérbio seguinte: Quem ri por último, ri melhor. Rir o tempo todo pode passar uma imagem de mulher

fácil, mas não rir também pode ser interpretado de uma maneira errada. Seja feminina e prefira sempre a moderação (Todas querem ser bonitas, 1941: 06).

Apesar da revista destinar algumas colunas e seções às mulheres, percebe-se que, de um modo geral, normalmente os textos tratavam das coisas através do ponto de vista masculino, mesmo quando as mulheres eram o tema principal da matéria ou reportagem, a situação era vista a partir do que os homens pensavam sobre o assunto.

Haviam alguns espaços dentro da *Gran-fina* que permitiam que as mulheres mandassem cartas com dúvidas de natureza geral. Essas cartas nunca eram publicadas em sua íntegra, além disso, é difícil afirmar sobre a veracidade das perguntas enviadas pelas leitoras à revista. Não há como saber se eram leitoras reais que encaminhavam as perguntas ou se a própria equipe de redação as inventava. Mesmo assim, partimos da ideia de que elas refletem, o perfil identitário da mulher no período já citado. Por trás de cada carta respondida, é possível notar que a revista deixava um conselho ou dica de como a mulher deveria agir em diferentes situações.

Recebemos a carta de uma professora. É noiva de Davi, também professor, ele é bom, mas tem alguns defeitos que a envergonham perante os amigos, como não tirar o chapéu no elevador, não abrir a porta do carro para a noiva, não se levantar quando chega uma visita. Nosso conselho: A jovem deve parar de se preocupar com a opinião dos outros sobre o noivo. Querer um homem polido, que seja um lacaio, que a atenda em todos os desejos, pode tirar a originalidade dele. Não case com um homem para tentar mudá-lo (Não case com..., 1941: 23).

Recebemos uma dúvida sobre traição, quando sabemos que alguma mulher engana seu marido, temos certeza de que isto ela pagará. Todo subúrbio elegante de cidade grande tem dessas mulheres. Geralmente é guapa, jovem e segura de si mesma. Achamos isto uma atitude muito errada. As jovens devem cuidar-se para ser a esposa que todo homem deseja. (Pensamentos inocentes..., 1941: 9).

Algo perceptível ao analisar a revista diz respeito a forma como a mulher era vista pelas próprias mulheres, ou seja, a visão que elas tinham delas mesmas. Em alguns trechos das colunas já mencionadas, há pedidos de conselhos e perguntas em que as mulheres se referem a outras mulheres.

Fico em dúvida se uma mulher conseguiria manter-se fiel à moral e aos bons costumes trabalhando fora de casa. Sou mulher e acredito que nosso papel é ficar dentro de casa e trabalhar em prol da felicidade da família. Se seu marido chega em casa, depois de uma longa jornada de trabalho ele espera encontrar seu jantar preparado, um bom banho quente e o colo de sua esposa, ela não quer encontrar uma esposa também cansada, e que queira discutir problemas de trabalho. (Meu bebê é minha vida, 1941: 34).

A forma como a leitora se refere às mulheres que trabalhavam fora vem de encontro ao que Trindade (1996) fala sobre a objeção das próprias mulheres à presença feminina nos espaços públicos:

Dessa maneira, as próprias mulheres fazem, muitas vezes, objeção à presença feminina nos espaços externos, sobretudo em se tratando dos ambientes de trabalho. A discussão dessa possibilidade, cada vez mais presente no decorrer do período, atinge pontos mais polêmicos do que as atribuições domésticas da mulher e alcança, por isso mesmo, uma gama mais variável de possíveis respostas. Há, porém, uma grande diferença na opinião pública sobre a atuação relativa ao trabalho e à participação simplesmente decorativa e benemérita da mulher na vivência social (Trindade, 1996: 147).

Conclusão

Entendendo a mídia como local de reiteração de sentidos, de representações, o principal objetivo desse trabalho foi analisar a forma como as mulheres da cidade de Curitiba eram representadas na revista *Gran-fina*, e de que forma o periódico se colocava como um “manual” a ser seguido pelas leitoras.

Percebe-se que as seções e colunas da revista utilizavam-se de dicas e conselhos para mostrar às leitoras a forma como elas deveriam agir em diferentes seguimentos da sociedade. Por se tratar de uma cidade bastante industrializada, mas que ainda procurava manter ares de cidade interiorana, observa-se que a revista insistia em promover perfis de boa filha, boa esposa e boa mãe, incentivando seu público leitor a manter, ou pelo menos, procurar manter, essas características.

Além disso, também é possível perceber que as próprias mulheres por vezes se colocavam contra essa “ida” da mulher para os espaços públicos, principalmente no que diz respeito ao mercado de trabalho. Havia uma ideia de que a mulher que estivesse saindo para trabalhar estaria mais sujeita à tentações, e que de certa forma ela abandonaria o lar, deixando filhos e marido em segundo plano.

Com esta análise de perfil identitário feminino pelas páginas da *Gran-Fina*, tínhamos como objetivo, também, contribuir para o estudo da História da Imprensa no Paraná, um campo ainda vasto para exploração, apontando relações entre os discursos jornalísticos que circulam nesse espaço e a construção de subjetividades através deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baptista, Í. C. Q. e Abreu, K. C. K. (2010). *A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. UNISINOS/UNISUL-BR.
- Barbosa, M. (2007). *Percursos do olhar*. Niterói: EdUFF.
- Bauman, Z (2009). *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Boschilia, R. (2010). *Entre fitas, bolachas e caixas de fósforos. A mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)*. São Paulo: Contexto.
- Buitoni, D. (1990). *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática.
- Butler, J. (2008). *Problemas de gênero: feminismo e subvenção da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- “Carnét da mulher que trabalha” (1941). *Revista Gran-fina*, 78, 22: Curitiba.
- “Carnét da mulher que trabalha” (1941). *Revista Gran-fina*, 79, 15: Curitiba.
- Escosteguy, A. C. (2001). *Os Estudos Culturais*. Porto Alegre: Faneccos.
- Hall, S. (2004). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A.
- Huysen, A. (1996). *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher*. S. Paulo: Companhia das Letras.
- “Meu bebê é minha vida” (1942). *Revista Gran-Fina*, 93, 22: Curitiba.
- “Não case com um homem para mudar-lhe o temperamento” (1941). *Revista Gran-Fina*, 73, 23: Curitiba.
- “Passatempos inocentes, mas de funestos resultados” (1941). *Revista Gran-Fina*, 70, 9: Curitiba.
- Nora, P.(1993). “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*. 10, 7-28: São Paulo.
- Ribeiro, A. P. G. (2012). “A memória e o mundo contemporâneo”. In: Ribeiro, A. P. G.; Freire Filho, J.; Herschmann, M. (Org.). *Entretenimento, Felicidade e Memória: forças moventes do contemporâneo*. 1. ed. São Paulo: Anadarco.
- Ribeiro, A. P. G. (2005) “A mídia e o lugar da história”. In: Herschmann, M.; Pereira, C. A M. *Mídia, Memória & Celebidades*. 2ª ed. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais.

Scott, J. W. (1995) “Gênero: Uma categoria Útil de Análise Histórica”.
Educação & Realidade. Vol. 20, N° 2, 71-99: Porto Alegre.

“Todas querem ser bonitas” (1941). *Revista Gran-Fina*, 77, 6: Curitiba.

“Todas querem ser bonitas” (1941). *Revista Gran-Fina*, 78, 11: Curitiba.

Trindade, E M C. (1996). *Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na primeira república*. Curitiba: Farol do Saber.

Artículo recibido: 09/12/16

Artículo aceptado: 28/12/16

JASMINE APARECIDA HORST DOS SANTOS

Acadêmica do curso de Jornalismo, bolsista de Iniciação Científica pela Fundação Araucária/Unicentro (PAIC) (2013/2014). Integrante do Projeto de Pesquisa “Imprensa feminina e memória: A pedagogia do gênero no jornalismo paranaense. (2012-2014)”, financiado pelo Cnpq.

NÍNIA CECÍLIA RIBAS BORGES TEIXEIRA

Pós-doutora pela UFRJ. Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005), Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. É Professora Adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-PR). Professora nos cursos de Letras e Comunicação Social atua nas seguintes linhas de pesquisa: Texto, Memória e Cultura, Gênero e Representação; Literatura e Interfaces. Atuou como Tutora do PET-Letras na Unicentro. Coordenadora do Programa Mestrado em Letras-Unicentro. Desenvolve os projetos: Mídia e escola: o texto midiático como recurso pedagógico e interação no processo de construção do conhecimento, financiado pela Fundação Araucária: apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico do Paraná e Imprensa feminina e a pedagogia de gênero no jornalismo paranaense financiado pelo Cnpq. Autora do livro: A Escrita de Mulheres na Pós-modernidade e a Desconstrução do Cânone Literário.